



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

HÁ TRINTA ANOS

O TOURAL

(Continuado de páginas 150 do volume anterior)

Um outro ponto de reunião havia ainda no Toural, — no Toural das minhas recordações, e dos meus amores! —, ah! mas esse, muito diferente de todos os outros!

De mistura com a frangipana, a canela e a baunilha, perfumavam-no os afamados produtos da Arábia, do Brasil e do México, entre nós conhecidos pelos nomes genéricos de *Moka*, *Baía* e *Gonaíve*, subindo e espalhando-se no ambiente entre as emanações culinárias duma cozinha que se perscrutava, que se adivinhava, mas que não se via, por estar edificada nas traseiras do prédio, lá muito no fundo.

A maior afluência de frequentadores não ia além das 10, o máximo 11 horas, e então, após a debandada geral, raramente alterada por algum visitante noctívago, ou fortuito passageiro da mala-posta e da diligência para Fafe, o estabelecimento fechava invariavelmente ao bater da meia-noite no relógio da Colegiada, hora na nossa terra em que o sossêgo, — o mais paradisíaco e angelical sossêgo —, desceu há muito, nas asas ensombradas de Morfeu, sobre os corpos castigados pelo trabalho no labutar dos campos, na azáfama da vida da cidade, no bulício das fábricas e oficinas, verificando-se na quietação das ruas e dos lares e na paz das consciências em repouso!

Ponto de reunião lhe chamei eu? Não! Era mais,

muito mais do que isso. E se ainda hoje existissem os homens que então o frequentavam e lá se juntassem como outrora, — ai! outrora!... —, podia sem exagero, antes com toda a justiça, chamar-se-lhe a *Academia dos Notáveis* da nossa querida Guimarães.

Pertencia o estabelecimento a *José Joaquim da Costa*, o homem férreo, de austeras virtudes, de sãos e inflexíveis princípios, mas não sei como, nem porquê, toda a gente conhecia a sua casa e dependências pela antiquada e esquisita denominação de *Botequim do Vago Mestre*.

Qual a significação e a origem deste nome? Ignoro-o.

Já tive ocasião de referir-me a êle; no entanto, como estes apontamentos ficariam incompletos se não lhe consagrasse agora algumas palavras, de novo o faço neste momento, transcrevendo, para que fique aqui arquivado, o artigo que há tempos publiquei, certo de que, procedendo assim, mais uma vez sou o intérprete dos sentimentos de admiração e de respeito dos meus conterrâneos, por todos êsses altos e luminosos espíritos que ali pontificaram e dali estenderam *urbi et orbi*, as primícias da sua grande ilustração e do seu vastíssimo saber, com os primores da sua finíssima educação e do seu diamantino carácter, — entre uma xícara de café em que a luz do azeite, — a mais inofensiva desse tempo —, mal deixava conhecer o tamanho, a côr, os tons e o feitio e um cálice de *cognac* pausadamente saboreado aos golos, — a bôca a arder e os olhos postos... nas tapeçarias do tecto!

Dessa plêiade illustre era *Francisco Martins Sarmento*, por direito de eleição e de conquista, o pontífice-máximo, e dos que, para satisfação de todos nós, ainda se encontram vivos, cito apenas estes quatro nomes que no momento me ocorrem: *Joaquim José de Meira*, *António Coelho da Mota Prego*, *Adolfo Salazar* e *Manuel de Freitas Aguiar*.

Na cabeça deste pequenino rol coloquei, propositamente, o Dr. Meira, por ser bem o lídimo representante daquela geração sem par e ter acompanhado posteriormente com o seu prudente e sábio conselho, — que todos procuram e todos atendem —, a geração que sobre os seus ombros quis tam nobremente tomar

as pesadíssimas responsabilidades que a anterior lhe legou, geração esta cujo esforçado amor-pátrio admiro e calorosamente aplaudo como vimaranense que muito me honro de ser, — embora sem préstimos, sem serviços e sem valor! Mas vimaranense «*de antes quebrar que torcer*»!...

O Botequim do Vago Mestre!!

Era uma sala acanhada, de paredes nuas e pequena altura, com duas portas para a Praça do Toural, sala quasi tam larga como comprida, que quatro únicas mesas de simples, luzidio mármore, com as competentes cadeiras de palhinha, — não muito confortáveis, mas muito frescas —, guarneciam e enchiam, escassamente alumiada por outros tantos candieiros de azeite e onde o fumo da cozinha que lhe ficava na retaguarda, lá muito ao fundo, entrando, passando e repassando durante anos consecutivos, — e gerações inteiras —, como velho e assíduo frequentador, tinha comido o verniz dos móveis — preístóricos —, dando-lhes a côr, — igual e uniforme —, da carne ensacada, ou dos chouriços fumeiros.

Por ali passou tudo quanto, em Guimarães, havia então de mais nobre e mais selecto, de mais illustre e mais distinto, nas sciências e nas letras, nas artes e nas indústrias, no comércio e na agricultura, — numa época em que as diversas classes da sociedade, respeitando-se mutuamente, faziam, no entanto, vida à parte, seguindo as indicações e as tendências dos seus mais altos e preclaros representantes.

Nêsse botequim famoso em que o viandante àmanhã não reparará por certo, mas cuja lembrança há-de perdurar como um dos pontos de reunião mais célebres de Guimarães, de todos os tempos, dentro daquelas paredes ennegrecidas em que o talento de tantos e tam notáveis espiritos projectou luminosos e eternos revêrberos, sôbre aquelas pequenas e modestas mesas de café de lepes que o tempo consumiu, ou o fogo calcinou, discutiram-se, com amor e com carinho, todos os assuntos que diziam respeito à terra querida que lhes foi berço, — e sepultura! —, com a mesma atenção, com a mesma ansiedade, com o mesmo interesse dos rabujos e inveterados jogadores do *Quino*, ou do *Xadrez*, com a mesma obstinação, com o mesmo zêlo,

com a mesma solicitude dos parceiros habituais do *Jogo das Damas*, que por ali passaram, ralharam, gritaram, sorriram, visto que todos êles e cada um de per si, por *Sua Dama* — A PÁTRIA! —, sacrificariam de bom grado a própria vida, ou esta palavra mágica não tivesse sido, sem contradita, o santo e a senha, o lema e a divisa, duma abençoada *maçonaria* que os obrigou, enlaçou e prendeu, para sempre, a todos, tanto aos que apenas discutiam, como aos que jogavam, — e ganhavam ou perdiam!...

Mas, a uns e a outros, o mesmo céu os cobriu; o mesmo sol os acariciou; nas águas das mesmas fontes; nas melopeias do mesmo vento; no encanto dos mesmos lugares; no perfume das mesmas flores; nos arroubos dos mesmos sonhos; nas endeixas dos mesmos madrigais; nos transportes das mesmas paixões; viveram, sorriram, amaram — e morreram! —, e assim, é ainda o mesmo braço que muitos dêles um dia enlaçaram e a mesma mão, — leal e amiga! —, que muitos dêles apertaram um dia, que os traz gratamente, carinhosamente, piedosamente, à evocação do momento que passa, erguendo-os do olvido em que, porventura, caíram, recordando-os, introduzindo-os nos umbrais da História, envolvendo a sua lembrança na auréola luminosa que a compaixão e a piedade entretecem, dando-lhes alento numa recordação, vigor numa carícia, calor num beijo e vida... numa saudade!

Pudesse a evocação do Passado, que cada um dêsses nomes representa e as qualidades que os impuseram ao nosso respeito, à nossa admiração, ou à nossa estima, ser o traço de união, vigoroso e forte e sem solução de continuidade entre êsse mesmo Passado, — de Paz, de Patriotismo e de Honestidade —, e o Presente que vamos atravessando ajoujados ao pêso dum mal que não fizemos, tornando assim a vida digna, como outrora, de ser amada, digna, enfim, de ser vivida!

O *Botequim do Vago Mestre* foi, simultâneamente, associação e grémio, assembleia e clube, academia e cenáculo, e quantas vezes até — casa da câmara e tribunal!...

Tôdas as questões se trataram ali; dali se orientava e dirigia a opinião; ali se criaram, formaram e discutiram todos os empreendimentos da moderna Gui-

marães, pelo que, êsse célebre botequim, deve ser considerado ainda como o ponto de apoio, o fulcro abençoado e luminoso d'uma nova alavanca de Arquimedes soerguida, então, pelos braços vigorosos e hercúleos dos maiores patriotas que aquela terra jamais teve, numa ânsia de desenvolvimento, de progresso, de consideração e de renome, que constitui para todos os que ali nasceram, ali sentiram germinar os primeiros pensamentos e viram florir os primeiros amores, um título de glória e um pergaminho da mais alta e autêntica nobreza, — como manifestação da excelência da alma do menor número em prol da comunidade e benefício da grei!

Se as paredes falassem, como ao nosso espírito falam as recordações que dentro delas se acumulam, — quantas alegrias e quantas tristezas, quantos prazeres e quantos dissabores, quantas esperanças e quantas desilusões — elas nos diriam que ali se ergueram e ali caíram, ali se sonharam e ali se desvaneceram, ali se formaram e ali se desfizeram, como a nuvem dum dia de verão, como a espuma dum vinho capitoso, ou como o fumo dum tabaco inebriante?!...

Quantas?! — ó loucos perdulários dum tam grande e tam mal compreendido amor?!...

Hoje, esquecido e abandonado, o botequim fechou!

Fugiu também a alegria que o animou outrora, e dos seus dias de celebridade, das suas noites de convivência, de animação, de entusiasmo e de ruído, resta apenas a lembrança enternecida, — doce velhinha de cabelos brancos como cristais de neve! —, tam pura, tam funda e tam suave, — ai! —, como o roçar dum beijo, ou como o esto prolongado duma saudade, — que o viandante não avalia, nem sente, nem compreenderá por certo!...

Lisboa, 6 de Abril de 1923.

FERNANDO DA COSTA FREITAS

DO «INSTITUTO DE COIMBRA».